

VI ENCONTRO PAULISTA
QUESTÕES INDÍGENAS
E MUSEUS

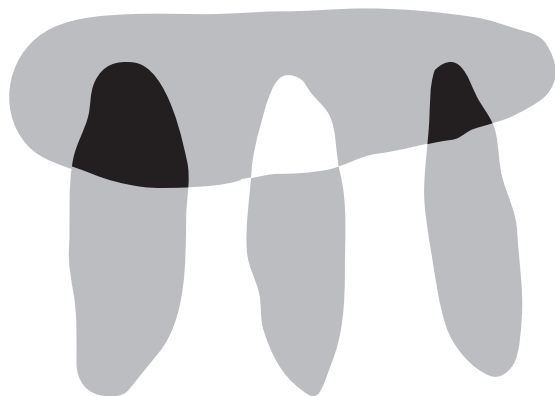
VII SEMINÁRIO MUSEUS,
IDENTIDADES E
PATRIMÔNIO CULTURAL

MUSEUS ETNOGRÁFICOS E INDÍGENAS

Aprofundando
questões,
reformulando ações

Governo do Estado de São Paulo, por meio da
Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
Sistema Estadual de Museus - SISEM-SP,
Museu H. P. Índia Vanuíre,
ACAM Portinari,
Universidade de São Paulo e
Museu de Arqueologia e Etnologia.

COLEÇÃO MUSEU ABERTO



VI ENCONTRO PAULISTA
QUESTÕES INDÍGENAS
E MUSEUS

VII SEMINÁRIO MUSEUS,
IDENTIDADES E
PATRIMÔNIOS CULTURAIS

Marília Xavier Cury
Organizadora

Governo do Estado de São Paulo, por meio da
Secretaria de Cultura e Economia Criativa,
Sistema Estadual de Museus - SISEM-SP,
Museu H. P. Índia Vanuíre,
ACAM Portinari,
Universidade de São Paulo e
Museu de Arqueologia e Etnologia.

São Paulo e Brodowski
2020

COLEÇÃO MUSEU ABERTO

MUSEUS ETNOGRÁFICOS E INDÍGENAS

Aprofundando
questões,
reformulando ações

DOI: 10.11606/9786599055706

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra,
desde que citada a fonte e autoria, e uso não comercial.

COLEÇÃO MUSEU ABERTO

Museus etnográficos e indígenas – Aprofundando questões, reformulando ações

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

João Dória

Governador do Estado

Rodrigo Garcia

Vice-Governador do Estado

Sergio Sá Leitão

Secretário de Cultura e Economia Criativa

Cláudia Pedrozo

Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa

Frederico Mascarenhas

Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa

Antônio Thomaz Lessa Garcia Junior

Coordenador da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Davidson Panis Kaseker

Diretor do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus – GTCSISEM-SP

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA - ACAM PORTINARI

Washington Luiz Aissa

Presidente do Conselho Administrativo

Angelica Fabbri

Diretora Executiva

Luiz Antonio Bergamo

Diretor Administrativo Financeiro

MUSEU H. P. ÍNDIA VANUÍRE – TUPÃ

Tamimi David Rayes Borsatto

Gerente Geral

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Vahan Agopyan

Reitor

Antonio Carlos Hernandez

Vice-Reitor

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

Paulo DeBlasis

Diretor

Eduardo Góes Neves

Vice-Diretor

Carla Gibertoni Carneiro

Chefe da Divisão de Apoio à Pesquisa e Extensão

Vagner Carnevalheiro Porto

Chefe da Divisão de Apoio ao Ensino

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO INTERUNIDADES EM MUSEOLOGIA DA USP – PPGMUS-USP

Profa. Dra. Maria Cristina Oliveira Bruno

Coordenadora

Prof. Dr. Paulo Cesar Garcez Marins

Vice-coordenador

AGRADECIMENTO

FAPESP

COLEÇÃO MUSEU ABERTO
MUSEUS ETNOGRÁFICOS E INDÍGENAS – APROFUNDANDO
QUESTÕES, REFORMULANDO AÇÕES

Coordenação Editorial

Marília Xavier Cury

Apresentação e Introdução

Angelica Fabbri

Paulo DeBlasis

Marília Xavier Cury

Autores indígenas

Admilson Felix

Analú Lipu Felix

Camila Vaiti Pereira da Silva

Candido Mariano Elias

Claudino Marcolino

Cledinilson Alves Marcolino

Creiles Marcolino da Silva Nunes

Dirce Jorge Lipu Pereira

Edilene Pedro

Fabiana Damaceno

Francilene Pitaguary

Gabriel Damaceno

Gerolino José Cesar

Gleidson Alves Marcolino

Helena Cecilio Damaceno

Itauany Larissa de Melo Marcolino

Jazone de Camilo

João Batista de Oliveira

José da Silva Barbosa de Campos

Lícia Victor

Lidiane Damaceno Cotui Afonso

Márcio Lipu Pereira Jorge

Márcio Pedro

Mariza Jorge

Mateus Vieira Rodrigues da Silva

Neusa Umbelino

Pajé Babosa

Ranulfo de Camilo

Rodrigues Pedro

Ronaldo Iaiati

Rosemeire Iaiati Indubrasil

Stefanie Naye Lipu Cezar

Susilene Elias de Melo

Tiago Oliveira

Autores não indígenas

Andressa Anjos de Oliveira

Davidson Kaseker

Eliete Pereira

Gessiara Goes de Lima

Isaltina Santos da Costa Oliveira

José Ribamar Bessa Freire

Josué Carvalho

Leandro G. N. de Moraes

Leilane Patrícia de Lima

María Marta Reca

Maria Odete Correa Vieira Roza

Marília Xavier Cury

Suzy Santos

Projeto Gráfico

Luciano Pessoa, LP Estúdio

Revisão

Armando Olivetti

São Paulo, 2020

Ficha catalográfica

Museus etnográficos e indígenas : aprofundando questões, reformulando ações / Marília Xavier Cury, organizadora.
-- São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa : ACAM Portinari : Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo : Museu Índia Vanuíre, 2020.
248 p. ; il. color. -- (Coleção Museu Aberto).
ISBN: 978-65-990557-0-6
DOI: 10.11606/9786599055706

1. Etnologia indígena - Museus. 2. Museus etnográficos.
3. Museus indígenas I. Cury, Marília Xavier. II. São Paulo (Estado). Secretaria da Cultura e Economia Criativa. III. ACAM Portinari. IV. Universidade de São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia. V. Museu Índia Vanuíre.

Está autorizada a reprodução parcial ou total desta obra para fins acadêmicos, desde que citada a fonte. Proibido uso com fins comerciais.

MUSEUS ETNOGRÁFICOS E INDÍGENAS
Aprofundando questões, reformulando ações

Sumário

Apresentação

Secretaria de Cultura e Economia
Criativa do Estado de São Paulo 10

ACAM Portinari 12

Museu de Arqueologia e Etnologia
da Universidade de São Paulo 14

Introdução

Museus etnográficos e indígenas – Aprofundando
questões, reformulando ações
Marília Xavier Cury 15

Parte I – Os direitos, a ética, o sagrado

Direitos Indígenas – as pautas comunitárias
indígenas

Ronaldo Iaiati, Jazone de Camilo
(traduzido por Analu Lipu Felix)
e Claudino Marcolino 24

Ética – remanescentes humanos em museus
Dirce Jorge Lipu Pereira e
Susilene Elias de Melo 32

O sagrado no museu

Pajé Babosa, Francilene Pitaguary, Susilene
Elias de Melo, Dirce Jorge Lipu Pereira,
Gleidson Alves Marcolino e Cledinilson
Alves Marcolino 37

Parte II – Museus e indígenas, museus indígenas

Guarani Nhandewa: museu das lembranças e dos
sentimentos – Aldeia Nimuendaju

Tiago Oliveira, Creiles Marcolino, Gleidson
Alves Marcolino, Cledinilson Alves
Marcolino e Stefanie Naye Lipu Cezar 50

Museu Akãm Orãm Krenak – Terra Indígena Vanuíre
Lidiane Damaceno Cotui Afonso, João Batista
de Oliveira e Helena Cecilio Damaceno 66

Museu Terena em discussão – Aldeia Ekeruá
Jazone de Camilo, Analu Lipu Felix,
Gerolino José Cesar e Admilson Felix 76

Museu em discussão: Dois povos, uma luta – T.I.
Icatu
Ronaldo Iaiati, Márcio Pedro, Edilene Pedro
e Candido Mariano Elias 81

Museu Worikg – Kaingang, T.I. Vanuíre
Dirce Jorge Lipu Pereira, Susilene Elias de
Melo e Itauany Larissa de Melo Marcolino 85

A exposição Fortalecimento da Memória
Tradicional Kaingang – de Geração em Geração
José da Silva Barbosa de Campos 89

Parte III – Museus, musealização, curadoria e indígenas

Exposição: curadoria compartilhada e a
autonarrativa – A visão dos indígenas

Edilene Pedro, Fabiana Damaceno, Gabriel
Damaceno, Admilson Felix, Analu Lipu Felix,
Gerolino José Cesar, Pajé Babosa, Ranulfo

de Camilo, José da Silva Barbosa de Campos, Rosemeire Iaiati Indubrasil, Mariza Jorge, Neusa Umbelino e Lícia Victor	98	Parte V – Museus indígenas – reflexões e pesquisas	
Gestão de coleções – A visão dos indígenas		As memórias e os lugares: território, identidade étnico-cultural e museus indígenas	156
José da Silva Barbosa de Campos, Analu Lipu Felix, Admilson Felix, Gerolino José Cesar, Márcio Pedro, Camila Vaiti Pereira da Silva, Mateus Vieira Rodrigues da Silva, Márcio Lipu Pereira Jorge, Edilene Pedro, Roberta Iaiati Indubrasil, Rodrigues Pedro e Candido Mariano Elias	107	Josué Carvalho	
		Museus indígenas e a construção de museologias afirmativas	174
		Suzy Santos	
		Nos circuitos do Muká Mukaú – o Portal da Cultura Viva Pataxó	191
		Eliete S. Pereira	
Parte IV – Exposição e gestão de coleções – curadoria compartilhada e a autonarrativa		A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais	203
A experiência do Museu Índia Vanuíre no processo da exposição autonarrativa com curadoria Kaingang Fortalecimento da Memória Tradicional Kaingang de Geração em Geração		Leilane Patricia de Lima	
Andressa Anjos de Oliveira, Gessiara Goes de Lima e Isaltina Santos da Costa Oliveira	116	Museus indígenas e emergência étnica no Oeste paulista	221
		Davidson Kaseker	
Dja Guata Porã – Rio de Janeiro Indígena: uma breve etnografia		Autores indígenas	226
Leandro G. N. de Moraes e José Ribamar Bessa Freire	123	Autores não indígenas	235
Gestión de colecciones en museos participativos: diálogos y tensiones en contextos de interculturalidad		ANEXO	
María Marta Reca	138	Memória do VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônio Cultural	240
Documentação e conservação de acervo etnográfico durante desenvolvimento de pesquisa no Museu Índia Vanuíre		Créditos	246
Andressa Anjos de Oliveira e Maria Odete Correa Vieira Roza	147		

Introdução / Museus etnográficos e indígenas – Aprofundando questões, reformulando ações

Marília Xavier Cury

Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo (MAE-USP)

O Museu Histórico e Pedagógico Índia Vanuïre, desde o Plano Museológico de 2008, vem implementando ações em conjunto com os grupos indígenas presentes na região Centro-Oeste do estado de São Paulo. Não por acaso, mas com investimentos públicos, no espaço do Museu Índia Vanuïre (MIV) aconteceram debates organizados pelas edições do Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus (EPQIM):¹

2012 – O papel social e educacional dos museus etnográficos, comunicação e ressignificação de coleções etnográficas.

2013 – Questões indígenas e museus: enfoque regional para um debate museológico.

2014 – Museus e indígenas – saberes e ética, novos paradigmas em debate.

2015 – Direitos indígenas no museu – novos procedimentos para uma nova política: a gestão de acervos em discussão.

2016 – Museus etnográficos e Museus indígenas – diálogo e diferenciação.

2017 – Museus etnográficos e indígenas – aprofundando questões, reformulando ações.

2018 – Questões Indígenas e Museus – políticas públicas para ampliação da gestão compartilhada.²

O VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus, que aconteceu sucessivamente ao VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais, tem seus desafios na relação entre os museus e os indígenas, reconhecendo o lugar social dos museus e o processo de incorporação de novas práticas, em face da atitude crítica dos museus que os leva aos processos de descolonização. Um dos desafios é a incorporação dos saberes e práticas indígenas no cotidiano museal, por meio de ações colaborativas que promovam negociações de sentidos e ressignificações, o diálogo e a interculturalidade.

Os indígenas vêm procurando suas estratégias de fortalecimento cultural e entendem que o museu é um forte aliado para os processos de autodeterminação. Primeiro se deu a descoberta do museu etnográfico como local para rever os objetos de seus ancestrais, depois para ampliar o diálogo com o não indígena e demonstrar “como o índio vive”. Nessas situações, e aos olhos da museografia, há uma grande mudança de posição. Como “consulente” no museu, o indígena era um visitante na instituição, um pesquisador externo ao lugar de trabalho. Como “parceiro”, vê no museu a possibilidade de aliança para alcance de seus objetivos e, assim, adquire a posição de equidade no sentido do papel que conquista como pesquisador e curador no museu. Com isso os museus se transformam, quando respeitam a contribuição dos indígenas com seus saberes e visões de mundo, mas principalmente porque incorporam esses saberes na constituição do seu estatuto conceitual.

1. Todas as edições com programas e registros fotográficos encontram-se no site do Museu: <https://www.museuindianvanuire.org.br/epqim>.

2. O Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais e o Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus contaram com financiamento Fapesp (Processos 2012/01086-3, 2014/01188-6, 2015/06748-2, 2016/01693-8, 2017/12686-5) e Capes-Paep (Processos 0262/2014, 0873/2015, 3167/2016-76).

Não por acaso, na década de 1980 os indígenas perceberam que poderiam ter seus próprios museus e, nisso, poderiam ter parceiros políticos, como as universidades e os museus etnográficos. No entanto, não podemos e não devemos afirmar ou mesmo supor que os museus indígenas decorrem do conhecimento dos museus etnográficos e do acesso a eles, mas resultam de processos de resistência cultural que veem nos museus mais um instrumento do trabalho político que realizam. Isso acontece a partir da História Social e da tomada de decisão sobre a preservação cultural, no Brasil, apoiada pela Constituição de 1988. Na Museologia, sustenta-se na Declaração de Santiago do Chile, na Nova Museologia e, mais recentemente, na Museologia Social.

Algumas iniciativas estão ocorrendo há anos na região Centro-Oeste paulista para a criação de museus indígenas, o que nos leva a aprofundar as relações entre modelos museais: museu etnográfico e museu indígena. Essa foi a proposta dos eventos, esclarecendo que o cenário e a parceria que se apresentam são propícios para os objetivos traçados. Para avançar e consolidar debates é que este livro se coloca.³ A parceria entre um museu estadual (MIV, da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo), uma organização social gestora (ACAM Portinari) e um museu universitário (MAE-USP) propicia que certas ações e situações, como os debates que os eventos promovem, aconteçam anualmente com a complexidade necessária.

0 contexto

Os debates promovidos pelo EPQIM tratam da construção de uma Museologia Crítica a partir das relações de trabalho com os grupos indígenas presentes na região Centro-Oeste do estado de São Paulo – Kaingang, Krenak, Terena e Guarani Nhandewa, das T.I. Icatu (Braúna), Vanuíre (Arco-Íris) e Araribá (Avaí). Falamos de relações sucessivas entre indígenas e museu para o desenvolvimento de ações que promovam

3. Para acessar os livros organizados após outras edições do EPQIM, ver: <https://www.museuindianvanuire.org.br/publicacoes>.

interações – e conflitos, negociações, busca de objetivos comuns etc. As articulações ajudaram o movimento para museus indígenas no Centro-Oeste de São Paulo, como o Museu *Worikg* (Sol Nascente, Kaingang) e o Museu *Akãm Orãm Krenak* (Novo Olhar Krenak), ambos na T.I. Vanuíre; o museu em formação e a Trilha Museu *Dois Povos, Uma Luta*, na T.I. Icatu; o Museu *Nhandé Mandu'á Rupá*, Guarani Nhandewa (Aldeia Nimuendaju) e o Museu Terena, em formação (Aldeia Ekaruá), na T.I. Araribá. Outro fator determinante é a realização de sucessivas edições do curso Museologia para Indígenas,⁴ bem como os treinamentos que a equipe do Museu Índia Vanuíre (MIV) oferece aos museus indígenas na região, sempre com boas adesões, somadas às ações de curadoria compartilhada desencadeadas em processos colaborativos que permitem a tão almejada autonarrativa em museus, sem a qual a indigenização do museu torna-se um discurso vazio. Podemos citar a oficina *Alimentação e armadilhas*⁵ e a exposição *Dois povos, uma luta – Terra Indígena Icatu: Kaingang e Terena*.⁶ As exposições itinerantes estão agora com as escolas indígenas, que delas se ocupam; a escola de Icatu a denomina como “museu itinerante”. Também financiada pelo MIV, a exposição temporária *Fortalecimento da Memória Tradicional Kaingang – de Geração em Geração*, curadoria do Kaingang José da Silva Barbosa de Campos, veiculada no MIV a partir de julho de 2015; em 2018 realizou-se a exposição *Ató Jagí Burum Krenak – Tecendo Saberes do Povo Krenak*, processo colaborativo com um grupo Krenak da T.I. Vanuíre, com a produção de objetos contemporâneos. No MAE-USP, destacamos o projeto expográfico e educacional intitulado pelos indígenas como *Resistência já! Fortalecimento e união das culturas indígenas – Kaingang, Guarani Nhandewa e Terena*, ação inaugurada em março

4. Ministrados pela Profa Dra Marília Xavier Cury do MAE-USP.

5. Iniciativa da Escola Estadual Indígena Índia Vanuíre, na T.I. Vanuíre, com anuência da diretora Valdenice Vaiti e coordenação da professora Lidianne Damasceno.

6. Por solicitação da Escola Estadual Indígena Índia Maria Rosa, na T.I. Icatu, com apoio e participação do diretor Adriano César Rodrigues Campos e participação dos professores Marcio Pedro, Edilene Pedro, Carlos Roberto Indubrasil e Licia Victor. As participações de Louise Prado Alfonso e Marcia Lika Hattori, na articulação, foram essenciais para a exposição, lembrando que sempre há uma “entrada” na aldeia e, no caso, elas abriram os caminhos.

de 2019. Nesses processos – museus indígenas e ações colaborativas com museus etnográficos – a Museologia Social se coloca com força e intensidade, reforçando a Museologia Crítica.

Algumas questões nos provocam. Um primeiro bloco de inquietações recai sobre o museu etnográfico: Qual o papel dos museus etnográficos na atualidade? Qual o compromisso com os indígenas? Qual participação os museus etnográficos reservam aos indígenas hoje? Qual a relação entre os museus etnográficos e os museus indígenas? Como vêm estabelecendo parcerias, impulsionando a descolonização, ou seja, o jogo de equilíbrio de poder na instituição, a economia política (como o poder é dividido)? O segundo bloco volta as nossas atenções aos museus indígenas: Os museus indígenas se sustentam nos museus etnográficos? O que é um museu indígena e qual o seu papel para as culturas envolvidas? Por que os não indígenas precisam dos museus indígenas? Como se dá a organização dos museus indígenas? Que apoio têm eles e quais são seus parceiros?

As questões são muitas, mas o VI Encontro Paulista Questões Indígenas e Museus e o VII Seminário Museus, Identidades e Patrimônios Culturais se desafiam nesses debates, para discernir sobre as formas de troca e articulação entre os dois modelos museais, assim como entender as suas particularidades e contribuições para a promoção das culturas indígenas no Brasil e a transformação da Museologia. Os objetivos para os eventos foram:

1. Reunir profissionais de museus etnográficos e indígenas para refletir sobre o papel dos museus na contemporaneidade.
2. Avaliar as contribuições dos museus etnográficos para as culturas indígenas.
3. Debater curadoria em museus para vislumbrar as suas formas de aplicação em diferentes contextos.
4. Contribuir com a formação e o fortalecimento de museus indígenas.

A filosofia do evento permaneceu como nos anos

anteriores: reunir visões para discussões, considerando os indígenas da região Centro-Oeste do estado de São Paulo (Kaingang, Krenak, Terena e Guarani Nhandewa) e convidados (pesquisadores e profissionais de museus). Os indígenas da região têm participação constante no Museu Índia Vanuîre (MIV), o que nos instiga a levantar pontos de problematização da práxis museal, sempre buscando uma visão crítica sobre o pensamento e as práticas museográficas.

Em 2017 os objetivos voltaram-se a aprofundar questões nascidas de ações conjuntas. Destacamos os temas:

Direitos indígenas

As visões dos indígenas sobre seus direitos e suas reivindicações.

Ética – remanescentes humanos em museus

Apesar dos avanços internacionais quanto à presença de remanescentes humanos em museus e da formulação de orientações relacionadas à ética, ainda se faz necessária essa discussão no Brasil e entre profissionais de museus, para que os indígenas sejam ouvidos e para que os pajés se coloquem quanto à questão humana e espiritual. A discussão refere-se aos procedimentos pautados por uma ética e ao questionamento, pelo movimento indígena no Brasil, dessas e de outras formas de apropriação dos corpos de seus ancestrais pelos museus. A discussão migra para o plano da espiritualidade que envolve o ser humano, transcendendo questões políticas e culturais.

O sagrado no museu

A ressocialização dos museus é um processo que não pode mais ser escamoteado, pois o museu é o lugar de várias formas de entendimento do mundo e de outras realidades. O sagrado faz parte da instituição, sobretudo quando ela é consagrada por pajés e outras lideranças espirituais. A indigenização do museu passa, também, pela sacralização. O ser humano tem muitas necessidades, a espiritualidade é uma delas, por isso é inadiável pensar a saúde espiritual e o papel do museu. Propomos discutir: a) visões sobre a consagração dos museus; e b) parcerias necessárias para a saúde espiritual.

Exposição – curadoria compartilhada e a autonarrativa

Discute-se o processo de indigenização do museu, analisando o resultado de pesquisas e a curadoria de coleções etnográficas museológicas realizadas no passado, a requalificação de coleções como forma de participação, a curadoria compartilhada e a autonarrativa no espaço do museu, como também a prática colaborativa em torno de projetos de exposição. Questiona-se a participação indígena no entendimento do que seja museu, bem como a descolonização da instituição promovida pela práxis cotidiana.

Gestão de coleções

Gestão de acervo é tema em aberto, sujeito a ampliação e aprofundamento. Além dos processos de (re)inventariar, para avaliação e atualização dos antigos processos e sistemas documentais, temos novas questões a serem tratadas: a) formação contemporânea de acervos; b) (re)qualificação de coleções; c) repatriamento(s) – formas, estratégias e exemplos. O debate busca vislumbrar novas práticas relacionadas à gestão de acervo nos planos políticos e procedimentais, o que colocamos em discussão.

Museus e indígenas, museus indígenas

Os pesquisadores da Museologia vêm se debruçando sobre as relações entre indígenas e museus, mas também discutem a forma como o museu vem, historicamente, representando os indígenas em seus espaços. O enfrentamento da descolonização deverá voltar-se para a proposição de políticas públicas, e a posição dos movimentos indígenas em torno da ideia de museu também contribui nessa direção. O museu indígena existe, é uma realidade recente, como demonstração de que a apropriação de mecanismos como o museu pode levar ao fortalecimento cultural e à construção de um poder político diferenciado.

A organização do livro

O livro, organizado posteriormente à realização do evento, está organizado em cinco partes.

Optamos por atender à reivindicação indígena de “falar primeiro”, “ser ouvido”, por isso a sequência que segue, a começar pelos artigos dos indígenas.

Os artigos de autoria indígena são transcrições, estratégia criada para que as ideias e saberes manifestados pela oralidade fossem respeitados, por isso mantivemos a linguagem das falas. Na ordem de publicação, mantivemos a sequência de depoimentos gravados em vídeo, consistindo nos temas da Museologia e das culturas que devemos sempre valorizar. Todos esses textos-depoimentos são inéditos e de grande relevância para serem veiculados pelos meios não convencionais indígenas – a oralidade –, mas que oferecem às demandas museológicas grande repercussão. Ainda, esses artigos indígenas são registros de um momento particular de um processo dinâmico maior.

Os autores não indígenas, profissionais de museus e pesquisadores, apresentaram seus artigos, após convocatória. Nesse sentido, estão orientados quanto aos debates do evento, mas de forma livre e ampliada.

Nesse sentido, o livro não consiste em anais, mas numa obra posterior e inédita, sobretudo por assumir o desafio de publicar os saberes indígenas manifestos por eles mesmos, após serem convidados para tal.

Na **Parte I** – “Os direitos, a ética, o sagrado, o protagonismo indígena e as autonarrativas” privilegia as demandas indígenas, suas visões, expectativas e demandas.

O artigo “Direitos indígenas – as pautas comunitárias indígenas” tem como autores o Terena Jazone de Camilo, com tradução para o português de Analu Lipu Felix, o Guarani Nhandewa Claudino Marcolino e o Kaingang Ronaldo Iaiati. Os três são, respectivamente, caciques da Aldeia Ekeruá, T.I. Araribá, Avaí, SP, da Aldeia Nimuendaju, T.I. Araribá, e T.I. Icatu, Braúna, SP. Os caciques falaram daquilo que os inquieta: a terra, o meio ambiente, a preservação da cultura e da vida indígenas. Também manifestaram a necessidade de parcerias, para cursos e participação em eventos. O trabalho com museus teve destaque, como também os museus

indígenas. No debate, Francilene Pitaguary disse como os indígenas do Ceará vêm estabelecendo articulações em todas as Secretarias do governo desse estado. Cristine Takwá apoia a necessidade de articulações e suas preocupações com a preservação da Mata Atlântica. O Pajé Babosa destacou a importância da cultura brasileira e a participação dos indígenas, do meio ambiente e do respeito que devemos ter à vida.

No artigo “Ética - remanescentes humanos em museus”, Dirce Jorge Lipu Pereira e Susilene Elias de Melo, com as intervenções de Cristine Takwá, fazem uma reflexão profunda, argumentando sobre o que é sagrado e sobre o que deve ser o respeito do museu com os antepassados indígenas. Pelo artigo podemos perceber quais são as questões centrais de natureza ética, mas também de política de gestão de acervo. Parece que os indígenas já perceberam que não há uma orientação ampla para os museus no Brasil, o que caberia ser tratado com muita atenção por aqueles que se ocupam da gestão museal.

O tema do sagrado é ilimitado e não pode ser direcionado, como bem afirmado pelos irmãos e assistentes de pajé, os Guarani Nhandewa Gleidson Alves Marcolino e Cledinilson Alves Marcolino, pelos Pitaguary Pajé Babosa⁷ e Francilene Pitaguary, e pelas Kaingang Susilene Elias de Melo e Dirce Jorge Lipu Pereira. O texto trata, nas visões dos autores, da complexidade do sagrado para os povos indígenas e do sagrado no museu.

Na **Parte II** - “Museus e indígenas, museus indígenas”, temos um panorama dos museus indígenas existentes e outros em elaboração pelos indígenas no Centro-Oeste de São Paulo.

O primeiro museu a se apresentar está em elaboração pelos Guarani Nhandewa da Aldeia Nimuendaju, T.I. Araribá, Avaí. O texto é assinado por Tiago Oliveira, Creiles Marcolino, Gleidson Alves Marcolino, Cledinilson Alves Marcolino e Stefanie Naye Lipu Cezar, esta última representando o cacique Claudino Marcolino. A

7. Conhecido como Pajé Barbosa, erro na pronúncia de Babosa. Optamos pela denominação Pajé Babosa, mas respeitamos o outro uso pelos demais autores do livro.

explicação que fizeram tem como eixo o registro da relação que têm com o Museu Índia Vanuïre e como a Semana Tupã em Comemoração do Dia Internacional dos Povos Indígenas contribuiu com a cultura deles. Ano a ano, colocam o que aprenderam e suas conquistas, como as perdas humanas. O museu surge da necessidade de valorizar os trabalhos que realizam, mas, principalmente, as memórias dos antepassados, um museu das lembranças e dos sentimentos.

O Museu *Akãm Orãm Krenak* se apresentou em seguida. Chamou atenção para o passado, quando o Krenak João Batista de Oliveira era conhecido por João do Artesanato e, com isso, construía espaços para expor, o que começou a ser chamado por museu. Uma das líderes Krenak, Lidiane Damaceno Cotui Afonso, apresenta o processo de produção de objetos para o museu em separado da venda. Dona Helena Cecilio Damaceno narra a importância que vê para o museu, para a comunidade não esquecer.

Os Terena de Ekeruá, a começar pelo cacique Jazone de Camilo e a liderança Gerolino José Cesar, veem no museu uma grande iniciativa que precisa do conhecimento que eles estão buscando. Analu Lipu Felix e Admilson Felix reforçam a importância do museu, mas lembram que ainda precisam continuar trabalhando para conseguir. O Pajé Babosa os abençoa durante os depoimentos.

A expressão “Dois povos, uma luta” simboliza a relação mantida pelos Kaingang e Terena que coabitam a T.I. Icatu, de união, para traçar seus objetivos. O museu é um deles, mas demandam por recursos e apoio externo para isso, pois pretendem a reforma da antiga sede da Funai na T.I., sede do museu. Os autores indígenas, Ronaldo Iaiati, Márcio Pedro, Edilene Pedro e Candido Mariano Elias, colocam algumas experiências de formação em Museologia e suas expectativas em relação a apoio, para realizarem o museu que sonham.

O Museu *Worikg*, gestão do Grupo Cultural Kaingang da T.I. Vanuïre, foi apresentado pelas gestoras e curadoras Dirce Jorge Lipu Pereira, Susilene Elias de Melo e Itauany Larissa de Melo Marcolino. Dirce, como Kujã (Pajé) que é, reforça a importância da ancestralidade, lembra

os ensinamentos que recebeu da sua mãe, Jandira Umbelino, e a presença espiritual dela nos trabalhos da cultura. Para ela, a Casa Sagrada é importante, “porque é onde a gente vai tá todos os dias ali dentro ensinando a nossas crianças”. Susilene retorna à Casa Sagrada – a Cabana Sagrada segundo ela –, narrando a construção pelo Marcio Lipu Pereira Jorge. Também falou do fortalecimento da cultura pela roça, alimentos e alimentação, o canto e a dança, por tudo, o que se torna a finalidade do museu: “tudo que ela [a mãe] falou é museu”. A jovem Itauany faz sua apresentação na ótica das crianças Kaingang, reforçando a relação entre gerações. Explica como as crianças participam da cultura com os mais velhos, com o exemplo da mandioca, da roça ao beiju. E como disse Susilene: “tudo isso daí é museu pra gente, principalmente a Cabana Sagrada”.

O artigo de José da Silva Barbosa de Campos foi produzido porque os profissionais do Museu Índia Vanuïre tinham necessidade de um registro sobre a importância da exposição *Fortalecimento da Memória Tradicional Kaingang – de Geração em Geração* na ótica do curador indígena. Se curadoria é uma ação qualificada, na exposição autonarrativa indígena o curador tem sua autonomia e soberania no museu, fazendo a instituição se recolocar e rever suas formas de representação dos indígenas que estão tão perto, vivem tão próximos, mas que muitas vezes estão distantes pelas diferenças culturais.

Na **Parte III** – “Museus, musealização, curadoria e indígenas” temos as contribuições dos indígenas sobre os trabalhos colaborativos em museus. O primeiro artigo, “Exposição: curadoria compartilhada e a autonarrativa – A visão dos indígenas”, é assinado por Edilene Pedro, Fabiana Damaceno, Gabriel Damaceno, Admilson Felix, Analu Lipu Felix, Gerolino José Cesar, Pajé Barbosa, Ranulfo de Camilo, José da Silva Barbosa de Campos, Rosemeire Iaiati Indubrasil, Mariza Jorge, Neusa Umbelino e Lícia Victor. Cada um deixou registrado o seu ponto de vista. As experiências narradas são com o MIV e com o MAE-USP, pois os grupos de São Paulo mantêm estreitas relações com essas instituições museológicas, mas também reforçam a necessidade dos encontros entre indígenas de diferentes

localidades, para interação e fortalecimento, mas que precisam de apoio para isso, para deslocamento principalmente. O Pajé Babosa, do Ceará, representante do Museu Pitaguary, fala do protagonismo do Cacique Sotero, Aratuba, e do trabalho da Rede Indígena de Memória e Museologia Social. Expressa a sua preocupação com a valorização indígena no Brasil.

No tema “Gestão de coleções – A visão dos indígenas”, temos José da Silva Barbosa de Campos (Zeca), Analu Lipu Felix, Admilson Felix, Gerolino José Cesar, Márcio Pedro, Camila Vaiti Pereira da Silva, Mateus Vieira Rodrigues da Silva, Márcio Lipu Pereira Jorge, Edilene Pedro, Roberta Iaiati Indubrasil, Rodrigues Pedro e Candido Mariano Elias. Trata-se de uma composição de mais velhos e jovens, pesquisadores de suas próprias culturas – professores indígenas ou não –, pajé, líderes e cacique da dança *Kipêe*, estudante universitária, Kaingang e Terena. O artigo é uma conversa entre eles, um repassar de lembranças e expectativas. Zeca retoma uma questão relevante, a aprendizagem indígena com os mais velhos. Os demais retomam o que viram e viveram no MAE-USP, quando em julho de 2017 tiveram acesso às coleções Kaingang, Terena e Guarani Nhandewa formadas pelo Museu Paulista, agora sob a guarda do MAE. Os professores indígenas e pesquisadores das suas culturas e outros puderam, na ocasião, deixar contribuições na requalificação das coleções. Os mais velhos desse grupo ressaltaram a relevância das relações intergeracionais, pois se eles não estiverem perto dos jovens, as culturas ficam ameaçadas, pela interrupção na transmissão.

Os profissionais e pesquisadores da Museologia têm seus espaços na **Parte IV** – “Exposição e gestão de coleções – curadoria compartilhada e a autonarrativa”. Numa primeira abordagem, exposições colaborativas e autonarrativas, as autoras Andressa Anjos de Oliveira, Gessiara Goes de Lima e Isaltina Santos da Costa Oliveira dialogam com o curador Kaingang José da Silva Barbosa de Campos (autor na Parte II do livro), com o artigo “A experiência do Museu Índia Vanuïre no processo da exposição autonarrativa com curadoria Kaingang *Fortalecimento da Memória Tradicional Kaingang – de Geração em Geração*”.

As duas visões se complementam para, no museu, apreendermos novas visões e práticas. Experiência destacada realizada no Museu de Arte do Rio (MAR) foi a exposição temporária *Dja Guata Porã*, aberta à visitação em maio de 2017. Sobre ela tratam Leandro G. N. de Moraes e José Ribamar Bessa Freire no texto “*Dja Guata Porã* – Rio de Janeiro Indígena: uma breve etnografia”.

Na ótica da gestão de acervo, María Marta Reca, profissional do centenário Museo de La Plata, Argentina, contribui com o debate em torno da participação no artigo “Gestión de colecciones en museos participativos: diálogos y tensiones en contextos de interculturalidad”. Pelo título podemos perceber a discussão da antropóloga. Por sua vez, Andressa Anjos de Oliveira e Maria Odete Correa Vieira Roza nos trazem outra contribuição do Museu Índia Vanuíre, em se tratando da salvaguarda: “Documentação e conservação de acervo etnográfico durante desenvolvimento de pesquisa no Museu Índia Vanuíre”.

A **Parte V** – “Museus indígenas – reflexões e pesquisas” está reservada a pesquisadores e reflexões, com atenção à representação em museus, museus comunitários e museus indígenas. Josué Carvalho apresenta resultados da pesquisa de pós-doutorado no artigo “As memórias e os lugares: território, identidade étnico cultural e museus indígenas”. Do questionamento o autor procura suas respostas. O que são e onde estão para os indígenas os seus museus? Do lugar sentido (lugares ritualísticos, forja e fazenda de memórias) ao sentido do lugar (território e pertencimento), como ideias fundantes que justificam no presente as apropriações indígenas dos museus, mas ora eles os caracterizam como instituições, ora como lugares onde memórias são forjadas ao mesmo tempo que são revividas, pois não estão demarcados necessariamente por um prédio arquitetônico e tal instituição não é demarcada pela arquitetura como os modelos tradicionais de museus.

A pesquisa de Suzy Santos, “Ecomuseus e Museus Comunitários no Brasil: Estudo Exploratório de Possibilidades Museológicas”, tem um recorte no artigo “Museus Indígenas e a Construção de Museologias Afirmativas”. A autora traz à luz

das discussões a conceituação de Museologia Social e Museologias Afirmativas, contribuindo com a apresentação de autores nacionais e internacionais e da Museologia Indígena. Trata do panorama dos ecomuseus e museus comunitários no Brasil, divulgando a relação que preparou exaustivamente com 39 museus indígenas brasileiros, fato difícil de se conseguir em virtude da dimensão continental do Brasil e das formas dinâmicas como os indígenas tratam seus processos museológicos. A autora se debruça sobre o esforço de sistematização desses museus. Vale a conceituação que iniciou de museu indígena, dialogando ora com os protagonistas dos museus, os indígenas, ora com pesquisadores que se ocupam de investigar essas iniciativas.

No artigo “Nos circuitos do *Muká Mukaú* – o Portal da Cultura Viva Pataxó”, Eliete Pereira indaga: *Muká Mukaú* – Portal da Cultura Viva Pataxó: um museu virtual? Dentre tantas variantes levantadas por Schweibenz (1998), “museu eletrônico, museu digital, museu em linha, museu hipermídia, metamuseu, museu da web e museu do ciberespaço”, interessa à pesquisadora de pós-doutorado a análise desses processos, e o “museu virtual” é delineado por um espaço promotor da experiência museológica e artística mediante acesso digital ao patrimônio cultural material (objetos, territórios etc.) e imaterial (saberes, fazeres etc.).

Outra pesquisadora de pós-doutorado, Leilane Patrícia de Lima, contribui com o texto “A comunicação em museus e a temática indígena em exposições: questões gerais e desafios atuais”. A pesquisa está no eixo temático Museologia e Comunicação Museológica, Museografia e Museu, Coleções Indígenas e Exposição. O que a pesquisadora apresenta são resultados qualitativos quanto à temática indígena nos museus e seus desafios atuais, dado o estado da arte que a autora apresenta, mesmo que parcialmente.

O livro é finalizado com as reflexões de Davidson Kaseker, profissional ligado ao Sistema Estadual de Museus do estado de São Paulo (Sisem-SP), abordando a etnogênese no texto “Museus indígenas e emergência étnica no Oeste paulista”. Vamos então aguardar os aportes das políticas públicas museais.